

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**INFLUÊNCIAS PARENTAIS NO CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS EM
ADOLESCENTES**

Ana Sofia da Silva Pinto

Junho 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor ***Jorge Negreiros*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na seção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Chego ao fim desta etapa com o sentimento de imensa gratidão por aqueles que me apoiaram, acreditaram em mim e me encheram de força para continuar no movimento correto, para a frente.

Ao meu orientador, Professor Dr. Jorge Negreiros, o meu sincero obrigado pela disponibilidade apresentada, pelos contributos de aprendizagem e por todo o apoio, dedicação e flexibilidade.

À Professora Dr.^a Orlanda Cruz, pela disponibilidade e amabilidade demonstrada sempre que a solicitei para fins relacionados com o *Questionário de Estilos Educativos Parentais*.

À escola E.B. 2/3 de Vila d'Este. Em primeiro lugar, à Diretora, M.^a Conceição Paiva, e à Vice-Diretora, Sandra la Feria, pela boa receção e autorização do estudo. Em segundo lugar, a todas as docentes e alunos que colaboram e viabilizaram este projeto.

A todas as minhas amigas e amigos, que estiveram presentes nos momentos críticos, de maior tensão, para uma palavra de consolo, bem como para me proporcionarem momentos de descontração, relaxamento e diversão. Um especial obrigado a Marta Rocha, Gisela Oliveira, Patrícia Vasconcelos, Sara Blasco, Catarina Lapa, Joana Perry, Leandro Borges, Tiago Martins e André Ribeiro.

À minha família, sobretudo àquela figura que investiu em mim e promoveu o alcance desta minha tão desejada conquista, uma conquista que não é só minha, mas também tua,

À minha mãe!

Resumo

O consumo de substâncias psicoativas pelos adolescentes em Portugal é uma realidade contemporânea que desafia clínicos e investigadores a uma maior compreensão. O estudo das influências parentais no comportamento é relevante, pois permite a análise de um dos fatores que poderão influenciar os consumos, fornecendo pistas de prevenção assentes numa base científica a determinados grupos de indivíduos, em contextos específicos. Este estudo pretendeu caracterizar as prevalências e os padrões de consumo de álcool, tabaco e cannabis, assim como analisar os fatores protetores e de risco inerentes às influências parentais nos adolescentes estudantes num contexto de baixo estatuto socioeconómico, Bairro de Vila d'Este, tentando identificar necessidades de prevenção. As variáveis abordadas foram o género, a idade e os consumos em relação à família, colocando-se várias hipóteses de investigação. A amostra integrou 226 indivíduos, do 7º, 8º e 9º ano de escolaridade. Como metodologia de investigação, recorreu-se a um instrumento quantitativo de autorrelato, considerando-se a caracterização sociodemográfica e os seguintes instrumentos: *Questionário sobre o Consumo de Substâncias* (Negreiros, 2001), *Questionário de Estilos Educativos Parentais* (Lamborn, Mounts, Streinberg, & Dornbusch, 1991; Ducharne, Cruz, Marinho, & Grande 2006) e a *Escala da Perceção das Crianças sobre os Conflitos Interparentais* (Grych, Seid, & Fincham, 1992; Moura, Santos, & Matos, 2006, 2010). Os resultados indicam prevalências de consumo baixas, em que a estrutura familiar não se evidenciou como fator de risco. Em relação às dinâmicas familiares – supervisão, aceitação parental e conflito interparental – foram encontradas algumas associações em função do tipo de consumidor.

Palavras-Chave: Consumo de Substâncias; Adolescentes; Estrutura familiar; Supervisão e Aceitação parental; Conflito Interparental.

Abstract

The adolescent substance abuse in Portugal is a contemporary reality that challenges researchers and professionals to a greater understanding. The study of parental influences on behavior is important, because it allows the analysis of one of the factors that can influence the drug abuse, providing prevention clues based on a scientific basis to certain groups of individuals in scientific contexts. This study aimed to characterize the prevalence and patterns of alcohol, tobacco and cannabis, as well as to analyze the protective and risk factors inherent to parental influences on adolescent students in a low socioeconomic status context, Bairro Vila d'Este, trying to identify prevention needs. The variables addressed were gender, age and abuse in relation to the family, placing several research hypotheses. The sample included 226 individuals, from the 7th, 8th and 9th grades. As methodology of research we used a quantitative tool of self-report considering the socio demographic characterization and the following instruments: *The Substance Use Questionnaire* (Negreiros, 2001), *The Parenting Styles Questionnaire* (Lamborn, Mounts, Streinberg, & Dornbusch, 1991; Ducharne, Cruz, Marinho, & Grande 2006) and the *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (Grych, Seid, & Fincham, 1992; Moura, Santos, & Matos, 2006, 2010). The results show low abuse prevalence, where the family structure was not clearly a risk factor. Regarding family dynamics – supervision, parental acceptance and inter parental conflict – some associations were found, depending on the type of consumer.

Key-Words: Substance Abuse; Adolescent; Family Structure; Parental Supervision and Acceptance; Interparental Conflict.

Introdução

1. Consumo de substâncias psicoativas nos jovens

Atualmente, o uso e abuso de substâncias psicoativas pelos adolescentes é um problema de saúde pública, tendo em conta as suas consequências comportamentais, físicas e mentais associadas (e.g. Chitas, 2012). Por estes motivos, os dados sobre as prevalências e as tendências no uso de uma gama de substâncias têm sido analisados em diferentes países, culturas e grupos. Apesar de Portugal não aparecer como um dos países de maior incidência de consumos, tem-se assistido a variações de prevalências. O álcool e seguindo-se o tabaco aparecem como as substâncias preferidas pelos adolescentes devido ao seu destacado consumo, e como droga mais frequente identificou-se a marijuana e o haxixe (e.g. Negreiros, 2001).

O HBSC (*Health Behaviour in School-aged Children*) é um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde que tem desenvolvido estudos em Portugal. De acordo com a recente investigação são revelados dados nacionais de 2014 (Matos, Simões, Camacho, & Reis, 2014), sendo que os últimos resultados para a população de Portugal Continental indicam que a idade média de experimentação é bastante precoce (13 anos para o tabaco e álcool, e 14 anos para a embriaguez e drogas como solventes e canabinóides). Foram, também, observadas diferenças entre o género e a idade relativamente aos consumos destas substâncias. As raparigas apresentaram maior frequência de experimentação de tabaco em conjunto com os rapazes mais velhos. Os rapazes revelaram mais frequência na experimentação das restantes substâncias e à medida que a idade aumenta verificam-se superiores prevalências, onde, quanto ao álcool, a cerveja destaca-se. Estes resultados corroboram os resultados obtidos por Chitas (2010, 2012), bem como o que se tem averiguado, quanto à idade e género, em estudos internacionais (e.g. Choquet, Hassler, Morin, Falissard, & Chau, 2008; Jime'nez-Iglesias, Moreno, Rivera, & García – Moya, 2013).

O estudo desenvolvido por Soellner, Göbel, Scheithauer, e Bräker (2014) procurou monitorizar a prevalência do uso de álcool pelos adolescentes a fim de avaliar os programas de prevenção e comparar as estratégias políticas dos diferentes países através de estudos transnacionais. Desta forma, os resultados do estudo *Second International Self-*

Report Study on Delinquency (ISRD-2) foram comparados com os da *European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs (ESPAD)* e com os da HBSC, de modo a desenhar um quadro abrangente do consumo juvenil de álcool em toda a Europa. O estudo baseou-se numa amostra de 33.566 adolescentes, com idades entre 12-16 anos, de 25 países europeus. Os resultados revelaram que os adolescentes da zona Norte e Leste mostram uma ligação com o álcool superior aos adolescentes da zona Ocidental e do Sul da Europa, concluindo-se que a abstinência é bastante comum entre os adolescentes portugueses dos 12 aos 16 anos, principalmente os de género feminino. Também, o ranking dos países, de acordo com a prevalência nos últimos 30 dias, independente do tipo de bebida, coloca Portugal no fim na lista. Contrariamente, segundo o estudo da ESPAD, o *binge drinking* - expressão utilizada para descrever o consumo excessivo de álcool que corresponde à ingestão de cinco ou mais bebidas alcoólicas num único dia/momento, habitualmente ao fim-de-semana, normalmente por consumidores jovens que procuram o efeito de embriaguez ou um efeito rápido – é o mais usual tipo de consumo dos adolescentes em Portugal.

Carapinha, Balsa, Vital, e Urbano (2014) enfatizam o Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT) para a viável monitorização do fenómeno da droga na Europa, assim como para possibilitar uma certa identificação de necessidades e respostas específicas. A amostra de consumidores, apresentada no relatório de 2012, assinala que os sujeitos que usam cannabis, a par de uma idade jovem, foram, por norma, do sexo masculino e exibiram, essencialmente, consumos cumulativos de substâncias lícitas. “Todos os indivíduos experimentaram pela primeira vez cannabis entre os 11 e 25 anos, particularmente entre os 15 e os 17 anos (52%)” (p.15). Já o consumo regular iniciou-se sobretudo entre os 15 e os 24 anos (89%).

Os hábitos regulares de consumo(s) são preocupantes, na medida que podem conduzir a comportamentos de dependência em idades precoces, bem como numa tendência para o cumulo de substâncias (e.g. Camacho & Matos, 2008; Camacho, Matos, Simões, Tomé, & Dinis, 2010).

2. Conceito de Família

Ao longo dos tempos, tem-se verificado alterações no que concerne à tradicional estrutura familiar. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2002), família é o conjunto

de indivíduos que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, mas também todos aqueles que ocupam parte ou totalidade de uma habitação.

A estrutura familiar, considerando a existência de menores, pode ser configurada por a) famílias intactas, constituídas pelos pais biológicos/adotivos e os seus respetivos filhos, b) famílias monoparentais, em que apenas uma das figuras parentais está presente e é responsável pelo(s) filho(s), c) famílias recompostas, organizadas por uma figura parental e padrasto/madrasta, podendo existir irmãos biológicos/afetos, d) “outros arranjos familiares”, onde o menor vive com avós, tios ou outras figuras responsáveis e f) famílias dissociadas, em que face à separação/divórcio das duas figuras parentais o menor poderá dividir partes do seu tempo entre os dois.

As famílias poder-se-ão diferenciar, também, pelas suas práticas parentais e pelos seus estilos educativos. As práticas parentais referem-se ao modo como os pais reagem em relação ao comportamento da criança. Já os estilos parentais são, sucintamente, o clima emocional onde tais práticas se expressam, através da autoridade e afetividade que os pais manifestam de modo adequado ou não, o que define a qualidade da interação pais-criança. Após várias reorganizações conceptuais dos estilos educativos parentais, Baumrind (1971, 1989, 1991) identificou os conhecidos quatro principais estilos – autorizado, autoritário, permissivo e negligente; podendo estes surgir na literatura através de nomeações um tanto diferentes.

3. Influências do contexto familiar no consumo

A família poderá “funcionar” simultaneamente como fator de risco e de proteção. Cruz (2005) define parentalidade como o “conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (p.13). Todavia, quando a parentalidade não é responsiva poderá estar associada a efeitos devastadores.

3.1. Estrutura Familiar

Tem sido demonstrado que as famílias intactas mostram-se, maioritariamente, como as mais protetoras no que diz respeito ao consumo e iniciação do uso de substâncias, apesar de alguma inconsistência nos resultados. Paxton, Valois, e Drane (2007), no seu estudo, indicam que as raparigas e os rapazes que vivem com ambos os pais revelam inferior experimentação no uso de álcool, tabaco e cannabis em comparação com as restantes configurações familiares e que, no caso das raparigas, viver em famílias monoparentais tem um efeito de risco significativo para o uso das três substâncias. Concluem, ainda, que as raparigas que cresceram em famílias recompostas foram as que consumiram mais substâncias. Porém, aquelas que viviam com outras figuras parentais apresentaram inexistência de consumo de substâncias lícitas; contudo, existem estudos que não corroboram estes resultados. Small, Suzuki, e Maleku (2014) identificaram que viver com outras figuras parentais aumentava a probabilidade de consumir as três substâncias, quando comparadas com as famílias intactas.

Por conseguinte, outros dados revelam que a estrutura monoparental apresenta-se como um possível fator de risco para o consumo de substâncias dos adolescentes (e.g. Garcia, Pillon, & Santos, 2011), mas Hemovich, Lac, e Crano (2011), ainda, divulgam que tal risco acentua-se nas famílias em que os adolescentes residem apenas como o pai. Já Brown e Rinelli (2010), com a sua investigação, evidenciaram que as famílias dissociadas sugerem relações mais fortes com o uso de substâncias lícitas pelos adolescentes comparativamente com as famílias intactas. Contrariamente, Barfield-Cottledge (2015), apesar de ter constatado que a estrutura familiar é um preditor, em ambos os géneros, do consumo de cannabis na adolescência, não apurou no seu estudo este efeito no uso de álcool.

3.2. Dinâmicas Familiares

“Um dos problemas que parece ser particularmente vulnerável na influência dos estilos parentais é o consumo de substâncias” (Camacho & Matos, 2008, p.196). O estilo educativo parental autorizado é aquele que tem apresentando melhores resultados (Baumrind, 1971, 1989, 1991). Este caracteriza-se por aquele que presta maior envolvimento, aceitação, assim com o grau de severidade e de controlo adequado; apresentando níveis inferiores de consumo os adolescentes que percecionam este estilo comparativamente aos que percecionam outros (e.g. Martínez, Fuentes, García, & Madrid, 2013). Por sua vez, Martínez e colaboradores (2013) revelam que o estilo educativo

autoritário, caracterizado por níveis elevados de controlo e supervisão e baixos níveis de aceitação e envolvimento para com os filhos, é o mais propenso ao consumo de álcool, tabaco e cannabis. Também, Baumrind (1991) indicou que os adolescentes que usavam mais drogas eram aqueles que provinham de famílias autoritárias. Similarmente, o estudo de Laghi, Lonigro, Baiocco, e Baumgartner (2013), vem indicar que os sujeitos designados por *heavy drinkers*, assim como os designados por *binge drinkers* são aqueles que obtêm as taxas mais elevadas de disciplina inconsistente e castigos severos.

No âmbito dos estilos educativos, a literatura tem consistentemente analisado a supervisão parental, podendo, esta variável, ser observada sob dois aspetos centrais: o conhecimento que os pais têm acerca da vida quotidiana dos seus filhos através dos processos de divulgação dos adolescentes, e/ou através de solicitações que desenvolvem para a obtenção de conhecimento. Consequentemente tem-se vindo a constatar a supervisão como um dos fatores protetores no que concerne à sua relação com os consumos dos adolescentes (e.g. Chitas, 2012; Jime'nez-Iglesias et al., 2013). Contudo, tem-se concluído que é a figura materna que representa maior impacto na supervisão relativamente aos níveis inferiores de uso de substâncias (e.g. Johnson, McBride, Hopkins, & Pepper, 2014). Outra constatação está nas diferenças entre género dos adolescentes, pois o controlo tende a ser mais percebido e a ter superior impacte nas raparigas do que nos rapazes (e.g. Jime'nez-Iglesias et al., 2013).

A análise da variável aceitação tem revelado algumas contradições na literatura relativamente aos seus efeitos no consumo de substâncias dos adolescentes. Contudo, segundo diversos autores (e.g. Jime'nez-Iglesias et al., 2013; Johnson et al., 2014), é considerado que tanto a aceitação e a solicitação parental como a divulgação por parte dos adolescentes, têm influência sobre o efetivo conhecimento dos pais, predizendo-se que a aceitação é um relevante fator de proteção, para os baixos índices de consumos, quando conjugado.

Os conflitos interparentais representam uma dimensão associada ao estudo das dinâmicas familiares. Garcia e colaboradores (2011) averiguaram que os conflitos intrafamiliares relacionam-se com superiores consumos das substâncias lícitas. Por outro lado, de acordo com o estudo de Johnson e colaboradores (2014), um ambiente familiar configurado por conflitos intrafamiliares, onde o adolescente é exposto à violência interparental e violência verbal e/ou vivência dos momentos de disputas/lutas entre os pais,

é altamente preditor de comportamentos desviantes, percebendo-se, nestes casos, não só o aumento do consumo de álcool e tabaco, mas, também, de cannabis.

É, ainda, de referir que o nível de escolaridade parental poderá influenciar o tipo de dinâmicas utilizadas pelos pais e, assim, consequentes repercussões nos consumos dos adolescentes. Choquet e colaboradores (2008) analisaram que a supervisão e aceitação parental são menos sistemáticas entre os pais com inferior nível de escolaridade do que entre os pais com maior nível de escolaridade. Small e colaboradores (2014) concluíram, no seu estudo, que a probabilidade do adolescente consumir substâncias é menor quando os pais apresentam níveis de ensino superiores.

Parece que fatores aliados à família estão associados ao desenvolvimento de fatores pessoais que inibem ou facilitam o envolvimento em comportamentos de risco. Pois, os atos de consumo resultam de interações entre as características individuais do jovem com os influxos do ambiente de referência (Farate, 2001). Por conseguinte, dado que a literatura atual apresenta relações semelhantes, mas também contraditórias no que se refere às influências parentais associadas ao consumo de álcool, tabaco e cannabis nos adolescentes, pretende-se alcançar os preditores familiares mais fortes que potenciam o consumo das substâncias a fim de orientar práticas profissionais preventivas e adequadas.

O objetivo deste trabalho ambiciona caracterizar as prevalências e padrões de consumo de álcool, tabaco e cannabis de uma população adolescente, inserida numa escola de um contexto social desfavorecido. Além disso, procura-se:

- a) Estudar a associação entre a estrutura familiar e o consumo de substâncias dos adolescentes;
- b) Analisar a relação entre práticas parentais de supervisão e aceitação percebidas pelos adolescentes e o consumo de substâncias;
- c) Investigar a relação entre o conflito interparental percebido pelos jovens e o consumo de substâncias.

Por conseguinte, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

1. Os adolescentes que vivem em famílias intactas têm menor propensão para o consumo de substâncias do que os adolescentes que vivem em famílias monoparentais.

2. A percepção de supervisão parental está relacionada com níveis mais baixos de consumo de substâncias.
3. A percepção de aceitação parental está relacionada com níveis mais baixos de consumo de substâncias.
4. A percepção de conflitos interparentais está relacionada com o aumento do consumo de substâncias nos adolescentes.

Método

1. Participantes

A amostra foi constituída por 226 alunos da escola E.B. 2/3 de Vila d'Este, um estabelecimento de ensino público considerado TEIP, do distrito do Porto, situado no conselho de Vila Nova de Gaia. Relativamente à caracterização sociodemográfica (cf. Quadro1), a idade mínima dos participantes é de 11 anos e a máxima de 17 anos ($M=13.42$, $DP=1.26$), sendo que 53.1% ($N=120$) é do género feminino e 46.9% ($N=106$) do género masculino. Devido à existência de turmas mais numerosas no 8º ano, temos uma maior incidência de estudantes deste ano (39.4%, $N=89$), e menor no 7º ano (29.2%, $N=66$). Quanto à incidência de reprovação, 64.7% ($N=145$) dos sujeitos indicam que nunca reprovaram e 35.3% ($N=79$) referem que já, sendo que a maior parte indica ter reprovado uma vez (21%, $N=47$), 13.8% ($N=31$) reprovou duas a 3 vezes e 0.4% ($N=1$) reprovou um número superior a 3 vezes.

Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra

	N	%	M	DP	Amplitude
Género					
Feminino	120	53.1			
Masculino	106	46.9			
Idade			13.4	1.26	11 - 17
Ano de escolaridade					

7º	66	29.2
8º	89	39.4
9º	71	31.4
Reprovações		
Sim	79	35.3
Não	145	64.7

No que concerne à caracterização do agregado familiar, a prevalência da idade da mãe situa-se entre os 41 e 50 anos (53.6%, N=118), verificando-se o mesmo cenário para o pai, em que a faixa etária entre os 41 e os 50 anos foi de 55.8% (N=115). Quanto à escolaridade dos pais, a percentagem de mães que têm habilitações literárias iguais ao 4º ano é de 20.3% (N=45), sendo que 30.2% (N=67) revela ter o 12º ano/curso técnico-profissional, 45%, (N=100) habilitações literárias correspondentes à conclusão ou frequência do 2º/3º ciclo do ensino Básico e 3.6% (N=8) exibe ensino Superior. Já relativamente à escolaridade dos pais, 30.4% (N=63) destes têm habilitações literárias iguais ou inferiores ao 4º ano, 42% (N=87) concluíram ou frequentaram o 2º/3º ciclo do ensino Básico e 23.2% (N=48) possuem o 12º ano/curso técnico-profissional, sendo que apenas 1.4% (N=3) apresenta preparação de ensino Superior. Em relação ao emprego, a maior parte das mães trabalha 8 horas (50.5%, N=112), 10.4% (N=23) trabalha apenas durante uma parte do dia e 30.2% (N=67) encontram-se desempregadas. Os pais, maioritariamente trabalham 8 horas (67.9%, N=144), 4.7% (N=10) trabalha apenas durante uma parte do tempo e 10.4% (n=22) encontram-se desempregados.

Por conseguinte, os pais são predominantemente casados (62.8%, N=142), 19.9% (N=45) estão divorciados, 7.1% vivem em situação de união e 3.1% (N=7) encontram-se separados. Quando considerada “outra situação”, a que prevalece, ainda que num valor baixo, é a de mãe viúva (2.2%, N=5) e, seguidamente, “pai desconhecido” (1.8%, N=4).

Na composição da estrutura familiar, a maioria dos adolescentes vive em famílias intactas (68.1%, N=154), 17.7% (N=40) vive apenas com a mãe, 8.4% (N=19) vive com a mãe e o padrasto, 4% (N=9) vive com outras pessoas da família (e.g. tios, avós), 0.9% (N=2) vive apenas com o pai, 0.4% (N=1) com pessoas não familiares e 0.4% (N=1) com pai e madrasta.

Finalmente, a percepção dos sujeitos quanto à interação com os progenitores revela-se predominantemente positiva, sendo que 22.5% (N=50) dá-se bem com a mãe, e 70.3% (N=156) muito bem. Já com o pai, 28.4% (N=62) refere dar-se bem com o progenitor e 57.3% (N=125) muito bem. A frequência de jovens que relata uma percepção da interação com os progenitores má ou muito má é de 2.3% (N=5) para a mãe e de 4.6% (N=10) para o pai, sendo que 5% revela que não se dá nem bem nem mal com a mãe (N=11) e 9.6% (N=21) respetivamente com o pai.

2. Instrumentos

O material utilizado para a recolha de dados foi um instrumento de autorrelato, preenchido em sala de aula, construído através de várias fontes bibliográficas e composto por quatro secções centrais, sendo estas: os dados sociodemográficos, escolares e familiares, os padrões de consumo de tabaco, álcool e drogas, a caracterização do estilo educativo parental e a caracterização do conflito interparental (cf. Anexo 1).

Para a recolha dos dados sociodemográficos da amostra, foi desenvolvido um questionário para o efeito. Este contém as seguintes variáveis: idade, sexo, ano de escolaridade e turma, tipo de curso que frequenta, frequência de repetições, caracterizações do agregado familiar, grau de escolaridade dos pais, número de horas do trabalho dos pais e percepção da interação mantida com os pais.

Questionário sobre o Consumo de Substâncias

O instrumento foi desenvolvido por Negreiros (2001) e tem como objetivo avaliar os padrões de consumo de álcool, tabaco e drogas dos adolescentes. É constituído por 38 itens e contém as seguintes variáveis: tabaco, álcool, drogas ilícitas, prevalência dos consumos ao longo da vida, prevalência dos consumos no último ano e mês e idade de iniciação dos consumos. Também, considera variáveis relativas aos consumos, assim como: contextos de iniciação no uso de tabaco (e.g. iniciação de consumo com pares, sozinho) e percepção da prevalência do consumo de álcool e drogas dos amigos. Relativamente ao álcool, ainda, consideraram-se variáveis que permitem analisar a frequência de *binge-drinking* e de episódios de embriaguez.

Questionário de Estilos Educativos Parentais

Ducharne, Cruz, Marinho, e Grande (2006) desenvolveram a tradução e adaptação do Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP) a partir das Parenting Scales de Lamborn, Mounts, Streinberg, e Dornbusch (1991). Este é um instrumento que permite avaliar a percepção que os filhos têm acerca dos seus estilos educativos parentais, nomeadamente no que diz respeito à aceitação e à supervisão. Por outro lado, também, permite a identificação dos 4 estilos parentais definidos por Baumrind (autorizado, autoritário, negligente e permissivo). É constituído por 19 itens, considerando-se duas subescalas: aceitação (9 itens) e supervisão (10 itens), tendo por base as características propostas por Baumrind (1971) e por Maccoby e Martin (1983). Estas escalas revelam uma boa consistência interna na adaptação: aceitação .78 e supervisão .85; bem como no estudo presente: aceitação .81 e supervisão .86. Os participantes respondem dando a sua perspetiva sobre os pais. No entanto, no caso de ausência, os adolescentes respondem em função das figuras responsáveis.

Children's Perception of Interparental Conflict Scale

A versão portuguesa da Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC, Moura, Santos, & Matos, 2006, 2010 versão portuguesa de Grych, Seid, & Fincham, 1992) permite avaliar a percepção que os adolescentes têm relativamente ao conflito entre os pais, tendo este instrumento o objetivo de compreender a relação entre o conflito interparental e o ajustamento dos filhos. O CPIC é composto por 48 itens, organizados em 9 escalas: Frequência, Intensidade, Resolução, Conteúdo, Percepção de Ameaça, Eficácia, Culpa, Triangulação e Estabilidade, sendo que cada um dos itens serve-se de uma escala tipo *Likert* de 6 pontos, que vão do “*Discordo Totalmente*” ao “*Concordo Totalmente*”.

Após análises fatoriais exploratória e confirmatória e da consistência interna desenvolvidas por Grych e colaboradores (1992, citado por Moura et al., 2006), estes reorganizaram as 9 escalas em 3 grandes dimensões, sendo estas:

- a) Propriedades do Conflito (19 itens) – avalia a percepção do jovem relativamente a uma forma destrutiva do conflito interparental e é composta pelas escalas Frequência, Intensidade e Resolução;
- b) Culpa (9 itens) – avalia a percepção dos indivíduos em se autoculpabilizarem pelo conflito interparental, composta pelas escalas Conteúdo e Culpa;

- c) Ameaça (12 itens) – avalia a percepção de ameaça e do medo desencadeado pelo conflito entre os pais associado a um sentimento de baixa autoeficácia, composta pelas escalas Percepção de Ameaça e Eficácia.

De referir que, nesta reorganização, as subescalas Triangulação e Estabilidade foram eliminadas devido à saturação em diferentes fatores nas amostras estudadas (Moura et al., 2006). Por outro lado, salienta-se que a escolha deste instrumento teve em conta a presença de adequadas propriedades psicométricas no que diz respeito à consistência interna: Propriedades do Conflito .92, Ameaça .79, Culpa .76 (Moura et al., 2010), tais que ao serem replicadas, apresentaram um valor de coeficiente de alfa de *Cronbach* muito razoável para esta amostra (Propriedades do Conflito .92, Ameaça .77, Culpa .76).

3. Procedimentos

Em primeira instância, desenvolveu-se o Pedido Formal (cf. Anexo 2) à direção da escola, em setembro de 2015, tendo-se posteriormente efetivado uma reunião com a Diretora e a Vice-Diretora do Conselho Executivo. A finalidade da reunião foi discutir todas as questões relativas à aplicação do instrumento e dar seguimento à realização do estudo.

A aplicação do questionário realizou-se entre os dias 19 a 23 de outubro de 2015, em contexto de sala de aula, durante o tempo letivo da aula Orientações Cívicas, em todas as turmas do 7º, 8º e 9º ano do ensino regular. No anteceder da administração do instrumento, os alunos foram informados sobre o objetivo do estudo presente, solicitando-se a participação dos que apresentaram, previamente, o consentimento informado: Pedido de Autorização assinado pelos Encarregados de Educação (cf. Anexo 3), tendo-se enfatizado o facto de que a recolha de dados é anónima e confidencial, a não existência de respostas certas ou erradas e a extrema importância pela sinceridade das respostas.

Os dados foram examinados usando o SPSS, versão 23.0 para Windows.

De modo a responder às hipóteses em estudo, os procedimentos estatísticos utilizados incluem diversas análises de estatística, tais como descritivas e frequências, teste *t* de *Student* para amostras independentes, análises de correlação recorrendo-se ao *r* de

Pearson e testes não-paramétricos como o teste de associação/independência Qui-quadrado e o *Mann-Whitney* para substituir o teste *t* quando não se verificou o pressuposto da Normalidade (*Shapiro-Wilk*: $p > 0.05$). A consistência interna das escalas foi aferida recorrendo ao alfa de *Cronbach*.

Resultados

1. Análise descritiva

Tabaco

Os dados obtidos revelam que a maioria dos sujeitos nunca experimentou tabaco (84.9%, N=191), sendo que apenas 15.1% (N=34) indica ter consumido tabaco pelo menos uma vez ao longo da vida (PLV). Relativamente às prevalências nos últimos 30 dias (P30D), 93.8% dos sujeitos (N=221) não refere consumos e, apenas, 6.2% (N=14) afirma um consumo recente de tabaco. Apesar dos dados indicados, a idade de iniciação de consumo apresenta-se já aos 13 anos (M=12.94; DP=1.474). Dos que indicam consumo, 11.1% (N=27) expõe que fumou na presença de amigos e 3.1% (N=7) sozinho. As restantes categorias revelaram-se residuais.

Ao analisar a diferença de consumos entre género, através do Qui-quadrado, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas PLV (sexo masculino: 16%; sexo feminino: 14.3%) $\chi^2 (1) = .134$, $p = .714$, tal como não se verificaram nas P30D (sexo masculino: 6.6%; sexo feminino: 5.9%) $\chi^2 (1) = .05$, $p = .823$.

Ao utilizar igualmente o Qui-quadrado, ainda, foi possível perceber que as PLV apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2 (2) = 13.47$, $p = .001$) entre os diferentes anos de escolaridade, concentrando-se uma prevalência de consumo superior no 9º ano (21.1%) e seguindo-se imediatamente o 8º ano (20.5%). Verifica-se inferior experimentação no 7º ano (1.5%). No entanto, nas P30D, as diferenças não são significantes (7º ano (1.5%); 8º ano (8%); 9º ano (8.5%), $\chi^2 (2) = 3.563$, $p = .156$).

Álcool

O consumo de bebidas alcoólicas apresenta a maior prevalência por parte destes adolescentes. Embora 51.6% (N=115) indique que nunca consumiu álcool, 48.4% (N=108) refere consumos nas PLV. Nas Prevalências dos últimos 12 meses (P12M), 34.3% (N=72) dos sujeitos declaram ter consumido bebidas alcoólicas, mas 65.7% (N=138) não aponta consumos. Já nas P30D, a percentagem de abstinência é a mais alta das 3 medidas (85.4%, N=181). Os registos de consumos são de apenas 14.6% (N=31). Dos adolescentes que indicam consumos, a idade média de iniciação do uso de álcool é de 12.63 anos (DP =1.298).

Ao analisar a diferença de consumo de álcool entre género, através do Qui-quadrado, ao contrário do esperado, os resultados indicam que a taxa de prevalências de contacto com a substância tem maior incidência nas raparigas, apesar de tais diferenças não se apresentaram estatisticamente significativas (cf. Quadro 2).

Quadro 2. Diferenças entre género em função do consumo de álcool

	N	%	χ^2 df = 1	p
PLV			.404	<i>ns</i>
Feminino	60	50.4		
Masculino	48	46.2		
P12M			.007	<i>ns</i>
Feminino	38	34.5		
Masculino	34	34		
P30D			.331	<i>ns</i>
Feminino	18	15.9		
Masculino	13	13.1		

Nota: Não Significativo (ns).

Quanto ao tipo de bebidas alcoólicas consumidas nos últimos 30 dias, 95.4% (N=207) dos adolescentes relata não ter consumido vinho, 92.7% (N=204) que não ingeriu cerveja e 89.9% (N=197) que não teve contacto com bebidas destiladas. Isto indica que a substância menos preferida por estes adolescentes é o vinho, com 4.6% de consumo, seguindo-se a cerveja com um consumo referido de 7.3%. Com 10.1% dos sujeitos a

relatar consumos, as bebidas destiladas apresentaram-se como a substância preferida por estes adolescentes.

Em relação à frequência de *binge drinking* no último mês, a vasta maioria dos sujeitos (93.7%, N=209) relata não ter-se envolvido nesta ação, revelando-se envolvidos pelo menos uma vez, apenas, 6.3% (N=14). Em congruência, averiguou-se que só 7.1% dos adolescentes revelam situações de embriaguez nas PLV, 4.5% nas P12M e 2.2% nas P30D. Por conseguinte, as baixas prevalências obtidas em relação aos excessos não tornaram possível efetuar as respetivas análises estatísticas nas hipóteses de investigação.

Através da análise do Qui-quadrado, os níveis de *binge drinking*, verificaram-se ligeiramente superiores para os rapazes (6.7%) comparativamente com as raparigas (5.9%), mas não significativamente diferentes ($\chi^2(1) = .068$, $p=.794$). Já no que concerne à embriaguez, o cenário anterior é similar nas 3 medidas, ou seja, os rapazes tendem a apresentar consumos superiores em relação às raparigas, apesar de tais não se diferenciarem significativamente (cf. Quadro 3).

Quadro 3. Diferenças entre género em função da embriaguez

	N	%	χ^2 df = 1	p
PLV			.066	ns
Feminino	8	6.7		
Masculino	8	7.5		
P12M				ns^{a)}
Feminino	3	2.5		
Masculino	7	6.6		
P30D				ns^{a)}
Feminino	1	0.9		
Masculino	4	3.8		

Nota: Não Significativo (ns), a) Exact sig. (2-sided).

Foi, ainda, possível verificar que nas PLV, bem como nas P12M apresentaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes anos de escolaridade, constatando-se predomínio de consumo no 9º ano (cf. Quadro 4). Porém, apesar do registo de consumos ser superior à medida que a escolaridade aumenta, as diferenças não são

estatisticamente significativas nas P30D ($p=.074$). Mais, o 9º ano de escolaridade, também, evidenciou predomínio, embora com pequenas oscilações, nos episódios de embriaguez e de *binge drinking*, mas não se diferenciou significativamente (cf. Quadro 5).

Quadro 4. Consumos de álcool em função do ano de escolaridade

	N	%	χ^2 df = 2	p
PLV			13.35	.001
7º ano	22	33.8		
8º ano	40	46		
9º ano	46	64.8		
P12M			17.38	< .001
7º ano	9	15.8		
8º ano	29	33.3		
9º ano	34	51.5		
P30D			5.21	ns
7º ano	4	6.8		
8º ano	13	14.9		
9º ano	14	21.2		

Nota: Não Significativo (ns).

Quadro 5. Excessos de álcool em função do ano de escolaridade

	N	%	p Exact Sig (2 –sided)
Embriaguez			
PLV			ns
7º ano	2	4.7	
8º ano	6	6.7	
9º ano	8	11.3	
P12M			ns
7º ano	2	2.9	
8º ano	3	3.9	
9º ano	5	3.1	

P30D			<i>ns</i>
7º ano	1	1.5	
8º ano	2	2	
9ºano	2	2.9	
Binge Drinking (P30D)			<i>ns</i>
7º ano	4	6.3	
8º ano	5	5.6	
9º ano	5	7	

Nota: Não Significativo (ns).

Consumo de cannabis e outras substâncias ilícitas

O consumo de canabinóides (marijuana/haxixe/ganza/charros) foi raro entre estes adolescentes, nas três medidas analisadas. No que diz respeito às PLV, 95.1% (N=215) indica nunca ter consumido, relatando um consumo de pelo menos uma vez, apenas, 4.9% (N=11) dos sujeitos. Nas P12M, 97.3% (N=222) referiu nunca ter consumido para 2.7% (N=6) que relata consumos. As P30D revelam que apenas 1.3% (N=3) refere consumos e 98.7% (N=223) não. Contudo, a idade média de iniciação dos consumidores é de 13.4 anos (DP =1.342).

Ao serem analisadas as diferenças entre género, através do Qui-quadrado, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas para as PLV, P12M e P30D, apesar do consumo ser superior nos rapazes comparativamente às raparigas (cf. Quadro 6).

Quadro 6. Diferenças entre género em função do consumo de cannabis

	N	%	χ^2	df	p
PLV			1.30	1	<i>ns</i>
Feminino	4	3.3			
Masculino	7	6.6			
P12M					<i>ns^{a)}</i>
Feminino	2	1.7			
Masculino	4	3.8			
P30D					<i>ns^{a)}</i>

Feminino	1	0.8
Masculino	2	1.9

Nota: Não Significativo (*ns*), a) Exact sig. (2-sided).

Não se verificam diferenças estatisticamente significativas nas P12M ($\chi^2 (2) = 4.295$, $p=.133$) e nas P30D ($\chi^2 (2) = 1.466$, $p=.780$) no que diz respeito às diferenças entre consumos e ano de escolaridade. Porém, os resultados indicam diferenças estatisticamente significativas nas PLV ($\chi^2 (2) = 7.224$, $p=.020$), sendo que os alunos do 9º ano apresentam consumos superiores (9.9%) em comparação com os alunos do 8ºano (4.5%) e do 7º (0%).

Relativamente ao consumo de outras drogas, a maioria dos adolescentes relata nunca ter experimentando as substâncias apresentadas, existindo consumos baixos de tranquilizantes, “drunfos” ou sedativos (0.9%, N=2), estimulantes, anfetaminas ou *speeds* (0.9%, N=2), LSD, ácidos ou outros alucinogénios (0.95, N=2), crack e ecstasy (0.4%, N=1) e de inalantes (1.8%, N=4).

Atendendo às baixas prevalências obtidas quanto ao consumo de cannabis não foi possível efetuar as respetivas análises estatísticas nas hipóteses de investigação que se seguem.

Perceção dos amigos consumidores

A questão “Quantos amigos teus achas que fumam cigarros/bebem bebidas alcoólicas/usam drogas?” foi colocada aos sujeitos na tentativa de compreender a perceção do adolescente acerca da quantidade de pares consumidores que o rodeiam. Em coerência com os resultados obtidos nas prevalências, 65% (N=147) dos adolescentes indicam que têm a perceção de nenhum uso de cannabis por parte dos seus amigos, seguidamente 23.4% relata que poucos ou alguns amigos consomem e, apenas, 2.2% acusa que a maioria apresenta consumos, sendo que 9.3% afirma não saber. Seguidamente, a perceção do não consumo de álcool pelos amigos é de 42%, apresentando-se mais alta do que seria de esperar. Ainda assim, a maioria (49%) afere consumos pelo grupo de pares, dos quais 40.2% expõe que são poucos ou alguns que ingerem bebidas alcoólicas, 8.8% indica que a maioria dos seus amigos apresenta consumos, e 8.8% declara não saber. Finalmente, 56% alega que a maior perceção de consumo de substâncias pelo seu grupo de pares incide na substância tabaco. 54.4% relata que os amigos que fumam são poucos ou alguns, 10.6%

que a maioria dos seus amigos fumam, 7.1% refere não saber e 27.9% apresenta a percepção que nenhum dos seus amigos fuma.

2. Análise das hipóteses

Hipótese 1.

Para compreender se as famílias intactas são protetoras quanto ao uso de substâncias (tabaco, álcool e cannabis) dos adolescentes, supondo-se que haverá menor propensão destes jovens para o consumo em comparação com aqueles que vivem em famílias monoparentais, de acordo com a literatura (e.g. Small et al., 2014), foi utilizado o teste de associação/independência Qui-quadrado. Desta forma, apesar dos adolescentes que vivem em famílias intactas apresentarem consumos inferiores de tabaco (11.7%) comparativamente com os adolescentes que vivem em famílias monoparentais (19.5%), os resultados indicam que estes dois tipos de família não estão relacionados com a ocorrência de consumo de tabaco pelo menos 1 vez na vida ($\chi^2 (1) = 1.715$, $p=.190$). Por sua vez, o mesmo é percecionado com o consumo atual (P30D) da dita substância ($\chi^2 (1) = .796$, $p=.478$).

Relativamente ao consumo de álcool, os resultados revelam que os tipos de família indicados são independentes do uso da substância pelos adolescentes nas PLV, P12M e P30D (cf. Quadro 7). Contudo, embora não significativas, as diferenças apresentadas sugerem que os adolescentes que vivem em famílias intactas serão menos propensos ao consumo da substância por comparação com aqueles que vivem em famílias monoparentais, essencialmente nas P12M e P30D.

Quadro 7. Consumos de álcool em função da estrutura familiar

	Total (N)	N	%	χ^2 df = 1	<i>p</i>
PLV				0.42	<i>ns</i>
JFM	42	19	45.2		
JFI	151	71	47		

P12M				2.19	<i>ns</i>
JFM	40	17	42.5		
JFI	143	43	30.1		
P30D				2.10	<i>ns</i>
JFM	40	9	22.5		
JFI	144	19	13.2		

Nota: Jovens de Famílias Monoparentais (JFM), Jovens de Famílias Intactas (JFI), Não Significativo (ns).

Hipótese 2.

A hipótese 2, tendo por base o uso de variáveis da secção correspondente aos estilos parentais, apresenta uma amostra de 225 participantes, dada a exclusão de 1 sujeito devido à elevada quantidade de não respostas que tornou essa parte do questionário inexplorável.

Para testar se - *a percepção de supervisão parental está relacionada com níveis mais baixos de consumo de substâncias* -, foi utilizado o teste *t* de amostras independentes. No entanto, num primeiro momento, averiguou-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos na dimensão Supervisão ($t(223) = -2.486, p=.014$), sendo que as raparigas ($M=3.05, DP=.627$) percecionam os pais como mais controladores do que os rapazes ($M=2.83, DP=.710$). Por outro lado, a percepção da Supervisão parental, também, varia em função da idade cronológica, verificando-se correlações negativas fracas com esta variável ($r = -.137, p = .040$). Assim, analisou-se que, apesar de pouca, existe alguma tendência para que os adolescentes mais velhos percecionem os pais como menos controladores.

No que respeita ao consumo de tabaco (PLV), averiguou-se que a dimensão Supervisão é superior entre os adolescentes que não apresentam consumos ($M=3.00; DP=.674$) do que entre os adolescentes que referem uso da substância ($M=2.64; DP=.614$), $t(222) = 2.885, p=.002$. Já na tentativa de analisar se superiores níveis de Supervisão, também, interferem com o consumo atual de tabaco entre os adolescentes, foi usado o teste não-paramétrico *Mann-Whitney*, dado que um dos grupos não apresentou distribuição normal. Os resultados obtidos revelam que as diferenças entre os grupos não são estatisticamente significativas ($z = -1.97, p=.231$).

Relativamente às P30D de consumo de álcool, embora se verifique que a percepção de Supervisão é maior no grupo de adolescentes que refere abstinência ($M=2.96$, $DP=.691$) em comparação com o grupo que relata ingestão de bebidas alcoólicas em pelo menos uma ocasião ($M=2.84$, $DP=.637$), estas diferenças não se aferem significativas ($t(209) = .885$, $p=.188$). Contudo, constatou-se que a percepção de inferiores níveis de Supervisão estão associados aos adolescentes que referem uso de álcool ($M=2.83$, $DP=.631$) por comparação com os que não indicam consumos ($M=3.01$, $DP=.695$) nas P12M, $t(207) = 1.821$, $p=.035$. Similarmente, as PLV mostram que os adolescentes que indicam consumos apresentam a percepção de níveis inferiores de Supervisão ($M=2.64$; $DP=.614$) por comparação com aqueles que revelam abstinência ($M=3.00$; $DP=.674$), $t(222) = 2.885$, $p=.002$.

Hipótese 3.

Para testar a hipótese 3 – *a aceitação parental está relacionada com níveis mais baixos de consumo de substâncias* – foi utilizado o teste *t*. Este, também, permitiu apurar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os sexos na dimensão Aceitação ($t(223) = 1.909$, $p=.058$) nesta amostra (225 participantes). Por outro lado, a percepção da aceitação parental varia em função da idade cronológica, verificando-se correlações negativas fracas com esta variável ($r = -.198$, $p = .003$). Assim, averiguou-se que existe alguma (pouca) tendência para que os adolescentes mais velhos percecionem os pais como menos responsivos.

No consumo de tabaco (PLV), os resultados mostram que a percepção dos níveis de Aceitação parental são superiores entre os adolescentes que não apresentam consumos ($M = 3.36$; $DP = .507$) por comparação aos adolescentes que referem contacto com a substância ($M = 3.14$; $DP = .541$), $t(222) = 2.316$, $p=.021$. Nas P30D, o teste *t* não pôde ser utilizado porque um dos grupos não apresentou distribuição normal, tendo sido novamente utilizado o teste não-paramétrico *Mann-Whitney*. Os resultados indicam que a percepção de Aceitação parental não sugere diferenças estaticamente significativas entre os sujeitos que declaram contacto atual com a substância tabaco em comparação com aqueles que não referem consumos ($z = -.816$, $p=.415$).

Quanto ao consumo de álcool nas P30D, constatou-se que não existe evidência da amostra para afirmar que, de acordo com os níveis de Aceitação parental, há mais ou

menos consumos atuais ($t(52.189) = .665, p = .254$). Porém, os resultados evidenciam que aqueles que detiveram percepção de superiores níveis de Aceitação ($M = 3.39$; $DP = .505$) não declararam ocorrência de consumo no último ano, sendo que, ao contrário, os que apresentaram uma percepção inferior ($M = 3.18$; $DP = .518$) relataram uso da substância ($t(207) = 2.712, p = .003$). Nesta sequência, os resultados mostraram que a percepção de mais níveis de Aceitação esteve associada ao grupo de adolescentes que dizem nunca ter consumido álcool ao longo da vida ($M = 3.38$; $DP = .538$) e que a percepção de inferiores níveis ao grupo de adolescentes consumidores ($M = 3.26$; $DP = .496$), $t(220) = 1.807, p = .036$.

Hipótese 4.

Dos 226 participantes, procedeu-se à eliminação de 17 sujeitos face à elevada quantidade de não respostas ou de respostas sem variação de parecer na escala, tendo tornado esta secção do questionário inexplorável.

A comparação das médias permitiu verificar que existem diferenças significativas entre os sexos nas dimensões Propriedades do Conflito ($t(182.99) = -3.922, p < .001$) e Ameaça ($t(192) = -4.539, p < .001$). Deste modo, as raparigas ($M = 3.07$; $DP = 1.143$) apresentam uma percepção superior da forma destrutiva do conflito em comparação com os rapazes ($M = 2.47$; $DP = .942$), sendo, também, as raparigas ($M = 3.64$; $DP = .991$) que manifestam uma superior percepção de ameaça e medo desencadeado pelo conflito entre os pais associado a um sentimento de baixa autoeficácia comparativamente com os rapazes ($M = 3.01$; $DP = .920$). Contudo, tal não se verifica com a variável Culpa, já que a diferença entre sexos não se mostrou significativa ($t(191) = -1.136, p = .257$).

No sentido de se compreender se, de acordo com a literatura (e.g., Johnson et al., 2014), a percepção do adolescente acerca do conflito interparental está relacionada com o maior consumo de substâncias psicoativas, foi, novamente, utilizado o teste t para amostras independentes. Porém, nos casos em que não se verificou distribuição normal, foram feitas análises através do teste não-paramétrico *Mann-Whitney*.

Nesta sequência, os resultados indicam que a dimensão Propriedades do Conflito está associada ao maior consumo de tabaco nas PLV ($z = -1.812, p = .035$), assim como a dimensão Culpa ($z = -2.118, p = .034$). Contudo, tal aumento de consumo não se verifica nas P30D quando há uma percepção mais destrutiva do conflito ($z = -.640, p = .273$), nem quando existe uma percepção do sentimento de autculpabilização ($z = -1.560, p = .119$). Já

a dimensão Ameaça, não se mostrou associada ao superior consumo de tabaco nas PLV ($t(192) = 335, p=.369$) nem nas P30D ($t(192) = 453, p=.325$).

O Quadro 8 apresenta as medidas descritivas (médias, desvios padrões e rankings) e os níveis de significância dos consumos de álcool em função das três dimensões da percepção do conflito interparental. Observou-se que a percepção de Ameaça foi superior entre adolescentes consumidores ($M=3.53, DP=1.08$) em relação aos não consumidores ($M=3.26, DP=.964$) nas P12M ($t(179) = -1.739, p=0.04$), sendo que, do mesmo modo, se verificou que a dita percepção foi maior entre os adolescentes que indicam consumos ($M=3.49, DP=1.04$) do que entre aqueles que não ($M=3.24, DP=.953$) nas PLV ($t(179) = -1.739, p=0.04$). Contudo, nas restantes prevalências as 3 dimensões não se mostraram significativas, em ambos os grupos.

Quadro 8. Resultados dos consumos de álcool dos jovens nas dimensões Propriedades do Conflito, Ameaça e Culpa através do teste *t* e do teste não-paramétrico *Man-Whitney*.

	N	Mean Rank	M	DP	<i>t</i>	df	<i>z</i>	<i>P</i>
P.CONF							-.407	<i>ns</i>
1 - P30D	27	84.35						
2 - P30D	148	88.66						
AMEAÇA					-.109	181		<i>ns</i>
1 - P30D	27		3.37	1.02				
2 - P30D	156		3.35	1.01				
CULPA							-.337	<i>ns</i>
1 - P30D	27	94.65						
2 - P30D	155	90.95						
P.CONF					-1.675	171		<i>ns</i>
1 – P12M	59		2.99	1.13				
2 – P12M	114		2.70	1.06				
AMEAÇA					-1.739	179		<0.05
1 – P12M	66		3.53	1.08				
2 – P12M	115		3.26	.964				
CULPA					.072	178		<i>ns</i>
1 – P12M	63		2.26	.830				

2 – P12M	117	2.27	.997			
P.CONF				-1.506	181	ns
1 – PLV	86	2.93	1.08			
2 – PLV	97	2.69	1.09			
AMEAÇA				-1.737	189	<0.05
1 – PLV	94	3.49	1.04			
2 – PLV	97	3.24	.953			
CULPA				.002	188	ns
1 – PLV	93	2.27	.883			
2 – PLV	97	2.27	.994			

Nota: Propriedades do Conflito (P.CONF), Adolescentes consumidores (1), Adolescentes não consumidores (2), Não Significativo (ns).

Discussão

Neste estudo, os primeiros resultados passíveis de serem discutidos são os das prevalências e padrões de consumo da amostra (N=226). De facto, constatarem-se baixas prevalências nas três substâncias analisadas, sobretudo no uso/consumo de canabinóides. Contudo, tal evidência vai ao encontro do que consta na literatura (e.g. Chitas, 2010, 2012; Matos et al., 2014), já que se verificou que o uso/consumo é superior nas camadas de adolescentes mais velhos (9º ano), embora esta diferença só tenha assumido significância nas PLV para todas as substâncias e nas P12M para o álcool, de acordo com os registos baixos de consumo. Por outro lado, as idades de iniciação mostraram-se iguais para as substâncias tabaco e álcool (13 anos) e muito próximas para os canabinóides (13.4 para 14 anos). As diferenças entre género não foram significativas, o que revela a proximidade entre os grupos. De notar que o álcool foi a substância preferida destes adolescentes, porém contrariamente à que predominância que domina em torno da cerveja, a bebida eleita foi do tipo destilado.

Relativamente à estrutura familiar, as famílias intactas não se revelaram protetoras quanto ao uso de tabaco e de álcool pelos adolescentes, ao contrário do que seria de esperar, tendo em conta os estudos citados na introdução (e.g. Paxton et al., 2007), mas tal pode dever-se, em parte, às baixas prevalências obtidas nesta investigação.

No caso da Supervisão parental percebida pelos adolescentes, esta diferiu em função do sexo e idade, já que foram as raparigas que perceberam os seus pais como mais controladores em comparação aos rapazes, e as camadas de adolescentes mais velhos como menos. No entanto, a percepção de maiores níveis de Supervisão só esteve associada ao menor consumo de tabaco e de álcool nas PLV e na ocorrência de consumo recente de álcool (P12M). Por sua vez, a Aceitação parental percebida por estes jovens, não se diferenciou em função do sexo, mas sim da idade, pois os jovens mais velhos tendem a perceber os seus pais como menos responsivos. Contudo, a associação desta variável aos consumos manteve-se semelhante à da análise desenvolvida ao controlo parental, tendo-se evidenciado relações apenas para o tipo de consumidor de tabaco e álcool ocasional e de uso recente. De facto, em nenhum dos casos houve associação ao consumo atual, o que será natural tendo em conta as baixas taxas de P30D. Por outro lado, o fenómeno de prevalências atuais baixas e de associação negativa das variáveis Supervisão e Aceitação ao tipo de consumidor ocasional e recente, poderá ter a ver com tipo de estilo parental dominante, para esta amostra de 225 sujeitos, tendo em conta a eliminação de 1 por não ter preenchido adequadamente o questionário nesta secção. Pois, embora apenas 126 alunos se tenham mostrado enquadráveis num estilo educativo, o estilo mais frequente é o Autorizado (19.1%), seguido do Negligente (18.7%) que, por sua vez, é seguido do Permissivo (15.1%), tendo-se observado que o estilo menos comum foi o Autoritário (3.1%). Assim, ainda que o estilo Autorizado esteja muito próximo do estilo Negligente poderá estar a ser um fator protetor, de acordo com a literatura (e.g. Martínez, et al., 2013).

Quanto ao conflito interparental, observaram-se percepções diferentes em função do sexo para as dimensões Propriedades do Conflito e Ameaça, dado que as raparigas evidenciaram o conflito parental de uma forma destrutiva superior, bem como um maior medo e ameaça associado a um sentimento de baixa autoeficácia em relação aos rapazes, mas não em relação à dimensão Culpa. Contudo, apenas as dimensões Propriedades do Conflito e Culpa estiveram associadas ao maior consumo ocasional dos adolescentes pela substância tabaco, o que vai ao encontro dos estudos que indicam que o conflito interparental potencia o uso/consumo de substâncias dos adolescentes (e.g. Johnson et al., 2014). Porém, será de notar que esta parte do questionário apenas contou com parte (N=209) da amostra inicial, sendo este fato um possível fator de incongruência com os dados da literatura.

O presente estudo apresenta, também, algumas limitações que deverão ser consideradas na interpretação dos resultados descritos. Desde logo, o facto dos dados terem sido levantados a partir de instrumentos de autorrelato, que, não obstante às suas vantagens, apresentam igualmente desvantagens, nomeadamente relacionadas com a desejabilidade social. De facto, apesar de se ter reforçado a confidencialidade e o anonimato, a temática drogas revê-se como um assunto de reprovação social que pode levar a respostas diferentes das reais perceções. Por outro lado, já que se pretendeu analisar os consumos dos adolescentes do Bairro de Vila d'Este, poderão ter sido excluídos os alunos absentistas ou desistentes. Ainda, o caso desta amostra ser não probabilística, não representativa da população, não permite a generalização dos dados, o que se sugere que sejam desenvolvidos mais estudos para que se possa verificar se nas camadas mais jovens, o contexto social desfavorecido não estará a predizer as dinâmicas parentais e consequentemente os consumos.

Ao nível das implicações, apesar dos grandes registos de abstinência que caracteriza estes jovens como resilientes, os resultados obtidos sugerem a necessidade de desenvolver estratégias preventivas particulares para o álcool, não descurando as restantes substâncias. Na verdade, tendo em conta que o álcool foi a bebida preferida por estes adolescentes, tal poderá propiciar os efeitos de tendência para o consumo cumulativo de substâncias como indicam alguns estudos (e.g. Camacho et al., 2010), efeitos estes que poderão conduzir a problemas de saúde de ordem física e/ou mental (e.g. Chitas, 2012), bem como aumentar as taxas de mortalidade. Por outro lado, o carácter preventivo deverá incidir, não só no indivíduo, mas de forma sistémica. Destaca-se as práticas profissionais de professores e psicólogos sobre os encarregados de educação, evidenciando-se a sensibilização e ações formativas acerca da importância de práticas educativas adequadas, nomeadamente o equilíbrio entre supervisão e aceitação parental, e o estabelecimento de relações saudáveis entre os familiares, já que estes têm efeitos protetores para os adolescentes ao longo das suas vidas. Para os investigadores, seria interessante analisar as perceções dos adolescentes quanto aos motivos que podem estar na origem da ausência de experimentação e/ou consumos de substâncias, bem como avaliar os riscos associados ao consumo ocasional e recente.

Referências Bibliográficas

- Barfield-Cottledge, T. (2015). The triangulation effects of family structure and attachment on adolescent substance use. *Crime & Delinquency*, 61(2), 297–320. doi: 10.1177/0011128711420110
- Baumrind, D. (1971). Current theories of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1989). Rearing competent children. In W. Damon (Ed.), *Child Development today and tomorrow*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Baumrind, D. (1991). Parental styles and adolescent development. In R. Lerner, A.C. Petersen & J. Brooks-Gunn (Eds), *The encyclopedia on adolescence*. New York: Garland.
- Brown, S., & Rinelli, L. (2010). Family structure, family processes and adolescent smoking and drinking. *Journal of Research on Adolescence*, 20(2), 259-273.
- Camacho, I., & Matos, M. (2008). A família: Factor de protecção no consumo de substâncias. In M. Matos (Ed.), *Consumo de substâncias: Estilo de vida? À procura de um estilo?* (pp. 165-200). Lisboa, Portugal: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Camacho, I., Matos, M. G., Simões, Tomé, G., Simões, M. C., & Diniz, J. A. (2010). A influência da família no consumo de substâncias nos adolescentes portugueses. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 1(2), 191-208.
- Carapinha, L., Balsa, C., Vital, C., & Urbano, C. (2014). *Estimativa do consumo de alto risco de cannabis. Portugal/2012*. Consultado em 2/8/2015 a partir de http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD_ESTUDOS/Attachments/145/EstimativaConsumoAltoRiscoCannabisPortugal2012.pdf

- Chitas, V. (2010). *Consumo de drogas e outros comportamentos de risco na adolescência: factores de risco e factores de protecção*. Tese de Doutoramento em Psicologia, ICBAS-UP, Porto, Portugal.
- Chitas, V. C. (2012). Risk behaviors in adolescence: risk and protective factors. *Global Journal of Community Health*, 3(4), 2-14.
- Choquet, M., Hassler, C., Morin, D., Falissard, B., & Chau, N. (2008). Perceived parenting styles and tobacco, alcohol and cannabis use among French adolescents: gender and family structure differentials. *Alcohol & Alcoholism*, 43(1), 73–80. doi:10.1093/alcalc/agm060
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Ducharne, M. A., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, 5(1), 63-75.
- Farate, C. (2001). *O ato de consumo e o gesto que consome – “risco relacional” e o consumo de drogas no início da adolescência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Garcia, J. J., Pillon, S. C., & Santos, M. A. (2011). Relações entre contexto familiar e uso de drogas em adolescentes de ensino médio. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(7), 53-61.
- Hemovich, V., Lac, A., & Crano, W. D. (2011). Understanding early-onset drug and alcohol outcomes among youth: The role of family structure, social factors, and interpersonal perceptions of use. *Psychology, Health & Medicine*, 16(3), 249–267. doi: 10.1080/13548506.2010.532560
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001: resultados definitivos*, Lisboa: INE.
- Jime'nez-Iglesias, A., Moreno, C., Rivera, F., & García – Moya, I. (2013). The role of the family in promoting responsible substance. *Journal of Child and Family Studies*, 22(5), 585–602. doi: 10.1007/s10826-013-9737-y

- Johnson, B., McBride, D., Hopkins G., & Pepper, S. (2014). An examination of parent–child relationships and ten substance use: a brief report. *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse*, 23(4), 210-216. doi:10.1080/1067828X.2013.786926
- Laghi, F, Lonigro, A., Baiocco, R., & Baumgartner, E. (2013). The role of parenting styles and alcohol expectancies in teen binge drinking: A preliminary investigation among Italian adolescents and their parents. *Drugs: Education, Prevention & Policy*, 20(2), 131-139. doi: 10.3109/09687637.2012.713409
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In P. H. Mussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and development* (4th ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- Martínez, I., Fuentes, M.C., García, F., & Madrid, I. (2013). The parenting style as protective or risk factor for substance use and other behavior problems among Spanish adolescents. *Adicciones*, 25(3), 235-242.
- Matos, M. G., Simões, C., Camacho, I., Reis, M., & Equipa Aventura Social (2014). A Saúde dos adolescentes portugueses-relatório do estudo HBS 2014. Retirado de Matos, M., Simões, C., Tomé, G., Gaspar, T., Camacho, I., Diniz, J., & Equipa do Projecto Aventura Social (2006). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses – Hoje e em 8 anos – Relatório Preliminar do Estudo HBSC 2006*. Retirado de: www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com; <http://aventurasocial.com/publicacoes.php>
- Moura, O., Santos, R. A., & Matos, P. M. (2006). The Children’s Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): Análise Factorial Confirmatória com Adolescentes e Jovens Adultos. Poster apresentado na “XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos”. Braga, Portugal: Universidade do Minho.
- Moura, O., Santos, R. A., Rocha, M., & Matos, P. M. (2010). Children’s Perception of Inter-parental Conflict Scale (CPIC): Factor structure and invariance across

adolescents and emerging adults. *International Journal of Testing*, 10(4), 364-382.
doi: 10.1080/15305058.2010.487964

Negreiros, J. (2001). *Padrões e consequências do consumo de drogas em Matosinhos: resultados na população estudantil e em consumidores problemáticos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.

Paxton, R. J., Valois, R.F., & Drane, J.W. (2007). Is there a relationship between family structure and substance use among public middle school students. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 593–605. doi: 10.1007/s10826-006-9109-y

Small, E., Suzuki, R., & Maleku, A. (2014). The impact of family and parental education on adolescents' substance use: a study of U.S. High School Seniors. *Social Work in Public Health*, 29(6), 594-605. doi:10.1080/19371918.2014.893855

Soellner, R., Göbel, K., Scheithauer, H., Bräker, A. (2014). Alcohol use of adolescents from 25 European countries. *Journal of Public Health*, 22(1), 57-65. doi: 10.1007/s10389-013-0593-4

Anexos

Anexo 1

Instrumento Quantitativo

Este questionário está inserido no âmbito do projeto do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e destina-se a compreender certos aspetos da vida dos jovens.

O que te pedimos é que respondas com toda a consciência e sinceridade, para que os resultados sejam fidedignos e o estudo possa cumprir os seus objetivos. Garantimos, assim, o total anonimato e a confidencialidade no tratamento dos dados.

Agradecemos, desde já, a tua colaboração!

I - Questionário Sociodemográfico

A) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____
2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐
3. Ano e turma que frequentas: _____
4. Tipo de curso: _____
5. Já repetiste de ano? _____
6. Se sim, quantas vezes. _____

B) CARACTERIZAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

1. Idade da mãe: _____ Idade do pai: _____
2. Diz-nos se os teus pais são... (assinala com uma cruz (X) ou descreve a situação)

Casados	Divorciados	Separados	Outra situação. Qual?

3. Das seguintes pessoas, indica com quem vives (podes escolher várias respostas; coloca uma cruz (X) no quadrado da resposta)

Pai e Mãe	Apenas a mãe	Apenas o pai	Mãe e padrasto	Pai e Madrasta	Outras pessoas da família	Outras pessoas não familiares

4. Qual é o grau de instrução dos teus pais (coloca a tua resposta através de uma cruz (X))

	Pai	Mãe
Ensino Primário		
2º Ciclo		
3º Ciclo		
Ensino Secundário		
Curso Técnico – Profissional		
Curso Superior		

5. Os teus pais trabalham (assinala com uma cruz (X) a tua resposta)

	Pai	Mãe
O dia inteiro (8horas)		
A meio tempo ou parte do dia		

Está desempregado(a)		
Não trabalha devido a doença		
É reformado(a)		
Não sei		

6. Como é que te dás com os teus pais? (Assinala com um (X) a tua resposta)

Pai

Muito Mal	Mal	Nem Bem Nem Mal	Bem	Muito Bem

Mãe

Muito Mal	Mal	Nem Bem Nem Mal	Bem	Muito Bem

II Caracterização do consumo de tabaco

7. Quantas vezes, na tua vida, já fumaste cigarros?

0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 30	40 ou +

8. Com que frequência fumaste cigarros nos últimos 30 dias?

0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 30	40 ou +

9. Quando começaste a fumar foi com alguma destas pessoas? (Assinala todas as respostas que te interessam)

Nunca fumei ☐

Com o (a) namorado (a) ☐

- Sozinho ☐
- Com amigos (as) ☐
- Com um familiar ☐

III Caracterização do consumo de bebidas alcoólicas

- 10.** Quantas vezes tomaste bebidas alcoólicas (exemplos: cerveja, vinho, champagne, aguardente, whisky, vodka)? (Assinala com um **X**, apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 30	40 ou +
Ao longo da vida...							
Últimos 12 meses...							
Últimos 30 dias...							

- 11.** Pensa no que aconteceu nos últimos 30 dias. Quantas vezes tomaste as seguintes bebidas? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 30	40 ou +
Cerveja							
Vinho							
Bebidas destiladas (shots, whisky, vodka, aguardente, brandy, rum, etc.)							

- 12.** Pensa no que aconteceu nos últimos 30 dias. Quantas vezes tomaste 5 (cinco) ou mais bebidas seguidas? (Uma bebida é por exemplo um copo de vinho, uma garrafa de cerveja ou um cálice/shot de uma bebida destilada)

- Nenhuma ☐ 3 a 5 vezes ☐
- 1 vez ☐ 6 a 9 vezes ☐
- 2 vezes ☐ 10 ou mais ☐

- 13.** Quantas vezes ficaste embriagado? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 30	40 ou +
Ao longo da vida...							

Últimos 12 meses...							
Últimos 30 dias...							

IV Caracterização do consumo de outras drogas

- 14.** Quantas vezes consumiste marijuana/haxixe/ganza/charros? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 30	40 ou +
Ao longo da vida...							
Últimos 12 meses...							
Últimos 30 dias...							

- 15.** Quantas vezes usaste as seguintes drogas? (Assinala com um X apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 30	40 ou +
Tranquilizantes, “drunfos” ou sedativos (sem indicação médica)							
Estimulantes, anfetaminas ou speeds (sem indicação médica)							
LSD, ácidos ou outros alucinogéneos							
Crack							
Cocaína							
Heroína							
Relevim							
Ecstasy (rodas)							
Inalantes (colas, solventes)							

16. Com que idade começaste a fazer as seguintes coisas? (Assinala com um X apenas um quadrado em cada linha)

Idade em anos

	Nunca	11 ou menos	12	13	14	15	16	17 ou +
Beber cerveja (pelo menos um copo)								
Beber vinho (pelo menos um copo)								
Beber bebida destilada (pelo menos um copo)								
Fumar cigarros diariamente								
Experimentar estimulantes/anfetaminas								
Experimentar tranquilizantes ou sedativos								
Experimentar marijuana ou haxixe								
Experimentar LSD ou outros alucinogéneos								
Experimentar crack								
Experimentar cocaína								
Experimentar relevim								
Experimentar heroína								
Experimentar ecstasy								
Cheirar demoradamente inalantes (cola, solventes, etc.) pelos seus efeitos								

17. Quantos amigos teus achas que... (Assinala uma cruz em cada linha)

	Nenhum	Poucos	Alguns	A maioria	Não sei
Fumam cigarros					
Bebem bebidas alcoólicas					
Usam drogas					

V Caracterização do estilo educativo parental

18. Para cada uma das afirmações que se seguem, assinala com uma cruz (X) a coluna que melhor traduz o que se passa contigo

	Discordo Totalmente	Não Concordo	Concordo	Concordo em absoluto
1a. Posso contar com o meu Pai para me ajudar se eu tiver algum problema.				
2a. O meu Pai incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça.				
3a. O meu Pai incita-me a pensar pela minha cabeça.				
4a. O meu pai ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda.				
5a. Quando o meu Pai pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê.				
1b. Posso contar com a minha Mãe para me ajudar se eu tiver algum problema.				
2b. A minha Mãe incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça.				
3b. A minha Mãe incita-me a pensar pela minha cabeça.				
4b. A minha Mãe ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda.				
5b. Quando a minha Mãe pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê.				

- 19.** Às questões que se seguem, deves responder, assinalando a coluna correspondente, a frequência com que ocorre.

	Nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
6. Quando tens uma má nota na escola, com que frequência os teus pais te encorajam a insistir para melhorar?				
7. Quando tens uma boa nota na escola, com que frequência os teus pais te elogiam?				

- 20.** Com que frequência é que estas coisas acontecem na tua família?

	Quase todos os dias	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Quase nunca
8. Os meus pais passam algum tempo só a conversar comigo.				
9. A minha família faz qualquer coisa divertida em conjunto.				

- 21.** Até que ponto os teus pais TENTAM saber (responde assinalando a coluna que melhor se aplica ao teu caso):

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
10. Quem são os teus amigos.				
11. Onde vais quando saís à noite.				
12. O que fazes nos teus tempos livres.				
13. Onde estás de tarde quando saís da escola.				
14. Como gastas o teu dinheiro.				

- 22.** Até que ponto os teus pais REALMENTE sabem (responde assinalando a coluna que melhor se aplica ao teu caso):

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
15. Quem são os teus amigos.				
16. Onde vais quando saís à noite.				
17. O que fazes nos teus tempos livres.				
18. Onde estás de tarde quando saís da escola.				
19. Como gastas o teu dinheiro.				

VI Caracterização do conflito interparental

23. Nesta parte do questionário, é descrito um conjunto de situações que se referem às relações familiares, especialmente às alturas em que os pais discutem. Se os teus pais estão separados, recorda o que sentiste nos tempos em que viviam juntos.

Responde a cada afirmação assinalando, com uma cruz (X), a resposta que melhor exprime o teu caso.

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Moderadamente	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6

	1	2	3	4	5	6
1. Eu nunca vi os meus pais discutirem ou zangarem-se.						
2. Quando os meus pais têm uma discussão geralmente tentam resolvê-la.						
3. Os meus pais discutem frequentemente sobre as coisas que eu faço na escola.						
4. Os meus pais ficam realmente zangados quando discutem.						
5. Quando os meus pais discutem, eu sei que posso fazer algo para me sentir melhor.						
6. Eu fico assustado(a) quando os meus pais discutem.						
7. Eu sinto que estou no centro das discussões dos meus pais.						
8. Eu não me sinto culpado(a) pelo fato dos meus pais discutirem.						
9. Provavelmente os meus pais não imaginam que eu sei que eles discutem muito.						
10. Mesmo quando terminam uma discussão, os meus pais continuam zangados.						
11. Os meus pais têm conflitos porque não são felizes juntos.						
12. Quando têm desentendimentos, os meus pais discutem calmamente.						
13. Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.						
14. Os meus pais insultam-se, mesmo na minha presença.						
15. Quando os meus pais discutem, eu preocupo-me com o que possa acontecer.						

16. Os meus pais geralmente discutem por minha causa.						
17. Eu vejo frequentemente os meus pais a discutir.						
18. Os meus pais geralmente chegam a um acordo quando discutem.						
19. As discussões dos meus pais são frequentemente por minha causa.						
20. As razões pelas quais os meus pais discutem são sempre as mesmas.						
21. Quando os meus pais têm uma discussão dizem coisas desagradáveis um ao outro.						
22. Quando os meus pais discutem eu sei que posso fazer algo para ajudar a melhorar a situação.						
23. Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça.						
24. A minha mãe quer que eu esteja do seu lado quando ela e o meu pai discutem.						
25. Eu sinto-me culpado(a) por os meus pais discutirem, mesmo que eles não o digam.						
26. Os meus pais quase nunca discutem.						
27. Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes.						
28. Os meus pais geralmente discutem por coisas que eu fiz.						
29. Os meus pais discutem porque realmente não gostam um do outro.						
30. Quando os meus pais têm uma discussão gritam muito um com o outro.						
31. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para os impedir.						
32. Quando os meus pais discutem fico preocupado(a) com a possibilidade de um deles ficar magoado.						
33. Eu sinto que tenho de tomar partido quando os meus pais discutem.						
34. Os meus pais fazem críticas e queixas um do outro.						
35. Os meus pais raramente falam alto quando estão a discutir.						
36. Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.						
37. Os meus pais atiram e partem objetos durante as discussões.						
38. Após os meus pais terminarem de discutir, geralmente são carinhosos um com o outro.						
39. Quando os meus pais discutem tenho receio que eles também possam gritar comigo.						
40. Os meus pais culpam-me pelas suas discussões.						
41. O meu pai quer que eu esteja do seu lado quando ele e a minha mãe discutem.						

42. Os meus pais agridem-se perante uma discussão.						
43. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para me sentir melhor.						
44. Quando os meus pais discutem eu preocupo-me com a possibilidade deles poderem divorciar-se.						
45. Os meus pais continuam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão.						
46. Os meus pais têm discussões porque não querem continuar juntos.						
47. As discussões dos meus pais, não são, geralmente por minha causa.						
48. Quando os meus pais discutem não ouvem nada do que eu digo.						

Obrigado pela tua participação!

Anexo 2

Pedido formal para realização do estudo

Exma. Sr.^a Dr.^a M^a. Conceição Paiva,

Presidente Executiva da Escola E.B. 2,3 de Vila d'Este Praceta da Escola

4430-390 Vilar de Andorinho

Porto, 18 de Setembro de 2015

Assunto: Pedido de autorização para estudo científico

Eu, Sofia Pinto orientada do Prof. Dr. Jorge Negreiros, no âmbito da dissertação de mestrado, do curso de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto venho revelar o interesse de realizar um estudo no ano letivo de 2015/2016 acerca das influências parentais sobre o consumo de substâncias psicoactivas dos adolescentes. Desta forma, solicito autorização para a recolha aleatória de dados junto de nove turmas da vossa comunidade escolar, uniformemente distribuídas (3 turmas de 7º, 8ª e 9ª ano).

Face ao pedido desenvolvido, a operacionalização do estudo será realizada através da administração de um questionário em sala de aula que abrange dados demográficos, padrões de consumo de substâncias psicoactivas assim como dinâmicas familiares, com uma duração de aproximadamente 30 minutos.

A participação dos alunos será voluntária e confidencial, condicionada pela autorização dos Encarregados de Educação.

Para finalizar, fica presente neste documento a garantia de que os resultados obtidos serão devolvidos à vossa comunidade escolar para que estes permitam constituir e orientar práticas de intervenção precoce e intervenções familiares preventivas na tentativa de reduzir os danos decorrentes dos consumos de substâncias nos adolescentes. E, também, a

disponibilidade para o esclarecimento de qualquer dúvida que possa ocorrer ao longo do processo de investigação proposto.

Agradeço desde já a atenção de V.Ex.a, com os meus melhores cumprimentos,

A orientanda:

Anexo 3

Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito do projeto de Mestrado Integrado em Psicologia, e em colaboração com a Escola E.B. 2/3 de Vila d'Este, irá realizar um estudo que se destina à análise de diferentes aspetos relacionados com a vida dos jovens, junto de alunos do 7º, 8º e 9º ano de escolaridade, durante o ano letivo de 2015/2016. Para tal, vimos por este meio solicitar a V. Ex.a que autorize o seu educando a participar.

Os dados recolhidos serão rigorosamente anónimos e confidenciais.

Agradecendo desde já pela sua colaboração,

A diretora do conselho executivo,

A responsável pelo estudo,



Autorização

Eu, _____,

Encarregado (a) de Educação do aluno (a) _____

_____, nº ___, da turma ___, do ano ___ declaro que autorizo o meu educando a participar no estudo a realizar pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O (A) Encarregado de Educação

Data: ___/___/___ _____